

O FUNK NA MÍDIA: a criminalização do funk e a cobertura do jornal Nexo¹

Jomar MAGALHÃES²

Jessica CARLENE³

Paulo Vitor Giraldo PIRES⁴

Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar como é a cobertura da mídia quando se trata de funk e toda a sexualização e criminalização do mesmo para provocar o enorme apoio que a sugestão do projeto de lei 17/2017 obteve pela família tradicional brasileira. O jornal **Nexo** questiona de onde vem a vontade de criminalizar através de leis o estilo musical autenticamente brasileiro que vem ganhando cada vez mais espaços no mundo, ainda há uma censura quando se fala de funk na mídia e qual a relação dela em relação a cobertura do estilo musical em contrapartida o jornal também retrata um funk para turista, com olhar orgulhoso para as favelas, vielas e morros berços do funk nacional esse estilo que é bem mais que uma ostentação sem fim é a voz dos marginalizados, a dor e o cotidiano de uma população cansada de sofrer.

PALAVRAS-CHAVE: Machismo, Periferia, Criminalização, Mídia, Sexualização.

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo é fazer uma análise sobre a cobertura do jornal **Nexo** sobre o projeto de criminalização do funk proposta ao senado em 2017 com 21.978 mil votos de acordo com o site oficial do senado o *E-cidadania*. A reportagem do jornal em questão encontrasse no link: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/03/Um-projeto-de-lei-quer-criminalizar-o-funk.-De-onde-vem-essa-vontade>

Um projeto de lei de sugerido pelo do empresário paulista Marcelo Alonso, chegou ao Senado. Ele superou a marca de 20.000 assinaturas no dia 24 de maio de 2017 afirmando que o funk é um atentado e nomeou o projeto de: “crime de saúde pública à criança, aos adolescentes e à família”.

Já não é a primeira vez que o funk é alvo de criminalização em 2015 o deputado Alexandre Baldy - PSDB/GO levou a câmara o projeto de lei nº PL 1256/2015 que foi posteriormente recusado e muito criticado pelos cantores e pela mídia da época.

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Análise de mídia, gestão e estratégias comunicacionais do II Comertec Jr., realizado de 14 a 16 de junho de 2018, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: jomar.ap@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: jessicacarlennel@gmail.com

“O funk faz apologia ao crime, fala em matar a polícia. Sou pai de família e se eu não me preocupar com o futuro, amanhã só teremos marginais”, disse Alonso ao portal UOL. O texto da sugestão associa, ainda, o gênero musical a crimes como estupro, exploração sexual, roubo e consumo de drogas ilícitas

O projeto não foi aprovado pelo senado, mas deu o que falar, foram lembrados a época em que o samba e a capoeira foram perseguidos e levantou o questionamento " ainda existe uma censura quando se trata da cultura nascida no morro?". O problema seria mesmo o estilo musical ou teria questões muito mais complexas como o racismo velado brasileiro?

Porque a cultura negra é tão estereotipada e por muitas vezes silenciadas por simplesmente revelar a real condição que muitos se encontram nos morros e favelas. Ao decorrer deste trabalho dúvidas e respostas para tais questionamentos tentarão ser resolvidas de forma coerente e que consiga sugar ao máximo toda a reportagem de “fachada” que o jornal provoca. pretendemos analisar toda a repercussão do projeto de lei e o posicionamento da mídia em relação a isso, com foco na reportagem do Jornal Nexa após a lei ser reprovada pelo senado.

Na batida

O Artigo 6, da Declaração Universal dos Direitos Humano da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948 diz o seguinte“toda pessoa tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecida como pessoa perante a Lei”.

[...] predominava, então, a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme, de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse as etapas que já tinham sido percorridas pelas “sociedades mais avançadas”. Desta maneira era fácil estabelecer uma escala evolutiva que não deixava de ser um processo discriminatório, através do qual as diferentes sociedades humanas eram classificadas hierarquicamente, com nítida vantagem para as culturas europeias. Etnocentrismo e ciência marchavam então de mãos juntas (LARAIA, 1986, p. 34)

Historicamente no Brasil a cultura negra foi massacrada de várias formas, e até hoje e reconhecível que tudo que envolve a expressão artística negra. Fala-se sobre preconceito pois foi nas favelas cariocas que teve início, dessa forma o funk pode ser compreendido como uma consequência de uma sociedade preconceituosa e excludente.

Segundo Reinaldo Almeida professor da UFRJ “a criminalização do funk é a forma pós-moderna da cultura popular marginal dos morros cariocas”

O funk não foi o primeiro que desceu o morro e ao fazer sucesso afrentou o racismo velado que o demonizou e o criminalizou, durante o período pós abolição a capoeira foi uma das primeiras praticas a ser rejeitada pela burguesia da época e proibida posteriormente, o funk por expressar por muitas vezes a dor de um povo, o cotidiano das favelas e até o poder do tráfico é por isso em muitas vezes é demonizado e criminalizado. história do funk carioca tem origem na junção de tradições musicais afrodescendentes brasileiras e estadunidenses.

Movimento sociocultural que eclodiu nos subúrbios do Rio de Janeiro na década de 1970. Surgiu no rastro dos movimentos de afirmação dos negros norte-americanos e a partir da moda da soul music, tendo sido contestado como imitação colonizada; depois, estruturou-se como aglutinador da juventude negra e serviu como base para a politização e a conscientização que se seguiram (LOPES, 2012, p. 49).

O funk é um estilo de música polemico, pois em torno dele vem sempre o debate sobre classe social, raça, religião e moral. Foi feito um projeto de lei onde a proposta era à criminalização do funk e superou as 20.000 assinaturas necessárias para que a ideia seja encaminhada e debatida pelos senadores, a ideia foi rejeitada pois a proposta era que o funk se tornasse um crime contra a saúde pública de crianças, adolescentes e a família tradicional brasileira.

[...] o mínimo que se pode dizer da música popular brasileira é que ela, desde as origens mais antigas, é uma arena absolutamente privilegiada de discussão dos problemas do Brasil. O estado e os governos, como os costumes - envolvendo questões de classe e estilos de vida, étnicas e raciais, de gênero e familiares -, são alguns de seus assuntos preferidos (Menezes Bastos, 1996a)” (MENEZES, 2008, p. 3).

Muitas pessoas defendem e outras condenam, mas observa-se que outros estilos musicais sempre abusaram da sexualidade e da apologia as drogas, músicas como “na boquinha da garrafa” e muitas letras cantadas por Bezerra da Silva mostraram que esse é um assunto muito explorado. Então a música e a opinião pública vêm andando a muitos anos lado a lado pois em alguns momentos aceitam certos estilos e em outros não, mostrando que as classes mais favorecidas da sociedade são seletivas.

A partir do momento em que uma camada da sociedade se expressa através de algo, há legitimidade naquilo. Quando pedimos para que crianças da periferia escrevam suas músicas favoritas, muitas vezes recebemos letras carregadas de violência. Isso é sinal de que elas reproduzem o que estão vivendo. (BRASSALOTTI, 2000)

Dessa forma pode-se dizer que não é a música somente que vem sofrendo transformações, mas sim a sociedade como um todo com a falta de educação, saúde, emprego e as necessidades básicas que um ser humano precisa para viver em sociedade.

No livro de Carolina de Jesus, 'Quarto de despejo' ela deixa claro que as crianças da favela na época, já sabiam como era o corpo de uma mulher, por que em muitas brigas os maridos rasgavam -lhe as roupas e deixando tudo a mostra e depois as crianças tinham como comentar sem o qualquer respeito ou tabu .

Então toda a dificuldade sofrida tem reflexo na população e ela pode se manifestar de várias maneiras tanto nas letras de músicas como em qualquer outra manifestação cultural, vale ressaltar que as letras do funk mostram a realidade a que muitos deles vivem expostos em sua vida diária. Para que se possa escrever belas letras de músicas é necessário que todos possam ter acesso a uma vida pelo menos mais digna com mais educação, saúde e as consequências que essas duas necessidades podem causar na vida de todos.

A mídia

O jornal Nexo que provocou uma reportagem sobre a espécie de censura cultural, causada pela proposta do projeto de lei gerou uma enorme repercussão na época por ser um dos poucos a defender a musicalidade das favelas na reportagem. "Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânico morais".

(FILHO,2015,49)

Apesar de defender o funk o jornal utilizou de um falso ativismo para garantir a venda e a propagação da notícia recortou partes de artigos acadêmicos e sem muita pesquisa montou a tal reportagem. Com títulos polêmicos e sem pesquisas por exemplo em um intertítulo "Como o funk projeta o orgulho da periferia".

A definição de funk [...] é a de manifestação musical que engloba as composições de jovens e de veteranos MCs com toda a diversidade temática e criativa daqueles que reproduzem o cotidiano do subúrbio da Zona Norte e da cidade do Rio de Janeiro; sua realidade social bem como os seus anseios, desejos, conflitos de vida e de seus pares em suas canções (MOUTINHO, 2015, p 38)

Como Moutinho cita, os cantores de funk MCs relatam em suas letras o cotidiano dos morros, não seria um motivo de "orgulho" dormir e acordar com sangue nas ruas, o tráfico dominando e fazendo das favelas o berço da violência. O jornal humaniza o funk ao máximo, vendendo o estilo musical para turistas, e fazendo o leitor pensar que onde são criadas as letras é um mar de luxúria e ostentação.

Machismo no funk

De acordo com Freire os meios de comunicação de massa desde sempre apresentaram uma representação ou uma sub-representação muito distorcida de suas reais identidades sociais. O funk não foi o primeiro e nem será o último que infelizmente assumirá de uma postura machista, onde para ganhar dinheiro e reconhecimento precisa de um discurso totalmente sem fundamento e sem qualquer respeito pelas mulheres. Estereotipadas, as mulheres suburbanas são tratadas em letras de funk como "servas do sexo" e submissa aos homens, pelo menos era assim até os anos 2000, de lá pra 2018 o protagonismo feminino no funk gerou polemica, artistas como Deize Tigrona, Mc Carol e muitas outras trouxeram uma revolução para o estilo, por serem decididas e em suas letras estereotiparem os homens, de acordo com o *Nexo* até mesmo um machismo reverso é sugerido. Os jornais em geral são as grandes fontes de difusão e de legitimação dos rótulos, uma matéria tendenciosa em um veículo midiático reconhecido pode acabar com a moral de alguém.

Estereótipos são, segundo a definição de Feest e Blankenbuerg, sistemas de representações, parcialmente inconscientes e grandemente contraditórios entre si, que orientam as pessoas na sua actividade cotidiana. Walter Lippman, o autor que primeiro refletiu de forma sistemática sobre os estereótipos, define-os como pictures in our minds, sublinhando que o estereótipo perfeito (...) precede o uso da razão (...) (e organiza) os dados dos nossos sentidos antes de atingirem a inteligência. (...) não vemos antes de definir – escreve ainda Lippman a este propósito. Pelo contrário, definimos primeiro e só depois é que vemos (...); ensinam-nos a conhecer o mundo antes de o vermos. Imaginamos coisas antes de a experimentarmos. E estes

prejuízos, se a educação não nos proporcionar uma aguda consciência, comandam profundamente todo o processo de percepção.
(DIAS, ANDRADE, 1997, pp.347-348)

O que as MC'S propõem em suas letras é uma sociedade igualitária onde a mulher tem desejos, vontades e também possuem apetite sexual. Para a construção dessa sociedade é necessário um espaço onde ninguém é inferior a ninguém aceitando que a sociedade como um todo é diversa e isso é normal, a postura do jornal em subjugar mulheres por letras que seriam comuns na boca de homens, é um tanto redundante e ainda nomear o movimento feminista dentro do funk como "machismo reverso" é erroneamente equivocado, de acordo com Freire, as identidades ganharam espaços para expressão e a cultura foi um desses espaços, os marginalizados puderam ser ouvidos e criaram novos significados como o ser homem atualmente e o ser mulher e as demais variações de gêneros, uma nova política identitária.

Imagem 1 - Notícia

Entretanto, há quem aponte uma espécie de "machismo reverso" em muitas letras que se propõem feministas. Um bom exemplo, de acordo com o jornalista Silvio Essinger, seria "Liga pra Samu", da própria MC Carol, que contém os versos "explanou no microfone/ que queria transar/ ela bebeu demais/ ela falou sem pensar/ minha amiga não é disso/ ela é mina de família/ se embalou no ritmo/ ritmo da putaria". Haveria aqui um "componente moralista, da mulher que se vê pelos olhos do homem, como se sua confissão de tesão só pudesse ser explicada pela embriaguez".

Fonte Jornal Nexo, 2018

Sem fundamentação histórica o Jornal Nexo se perdeu e quis transpassar uma visão turística e do autor da reportagem como um posicionamento político que ao mesmo tempo que defende o funk, critica atitudes dos cantores, é muito superficial a cobertura do jornal até esse intertítulo "Postura machista" traz em seu conteúdo estudos e *releases* de artigos e depoimentos sobre machismo no funk e no fim prega a mesma postura machista, deslegitimando o movimento feminista.

A voz das favelas

Quando o assunto é funk sempre existe muita crítica, por se tratar de um estilo musical jovem e polemico que mostra a realidade sem maquiagem era certo que iria causar grandes contestações. E apesar de tantos debates em 2013 a comissão de cultura da câmara caracterizou o ritmo como manifestação cultural Brasileira assim como no Rio de Janeiro onde já era considerado patrimônio cultural desde 2009.

Hoje observa-se que a mídia em grande maioria vem carregada de uma exposição excessiva e material não recomendado para menores, então porque não se criam projetos de lei para proteger a sociedade dessa avalanche de informações que não estão contribuindo para o crescimento intelectual de todos.

O Brasil é visto por outros países como um lugar onde o apelo sexual é muito utilizado, mas com certeza não foi por causa do funk, por ser uma cultura jovem não teve tempo de causar esse juízo de valor, é certo que a palavra carnaval nesse momento não é lembrada pois muitos vêm apenas para apreciar a exposição sem censura de nosso povo sem qualquer restrição de imagens na época do carnaval.

O problema é que o ritmo é uma cultura de massa que está ligada sobretudo às classes menos favorecidas e marginalizadas da sociedade.

O argumento de que representações seletivas, parciais, ultra-simplificadas e instrumentais do Outro são parte integral do processamento mental dos estímulos atravessa grande parte da pesquisa na área da psicologia social, com repercussão nos campos da ciência política, da história e dos estudos culturais e midiáticos.
(FILHO, 2004,p 46)

Então como a juventude vai criar músicas eruditas se a grande maioria sempre viveu exposta a uma realidade não tão erudita, o principal motivo para o funk sofrer preconceito é por vir de uma camada da população muito discriminada, a favela. E pela forma como o assunto vem sendo tratado o preconceito vem enraizado em questões muito mais profundas do que vem sendo sempre colocado por todos.

Os jovens têm determinadas preferências e suas escolhas não podem ser consideradas como distorcidas apenas por não terem equivalência com modelos musicais historicamente privilegiados como legítimos. Não existe mais a ilusão de uma classe dominada, sem cultura, devendo ser provida de algo que lhe teria sido negado. O professor de

hoje se vê diante de alunos que conhecem profundamente um determinado gênero musical às vezes inacessível a ele. Isso gera uma distorção na fórmula tradicional onde o professor detém um saber que será repassado aos alunos (SOBREIRA 2012, p. 111).

Por que tanta discussão afinal? Com certeza se deve ao fato de se movimentar largas quantias de dinheiro, e existir visível público e mídias além de gritar a realidade das comunidades para o mundo. Tem-se vários tipos de funk alguns com letras muito eróticas outras que tratam a mulher como objeto e outras com letras que tem duplo sentido ou letras explícitas e se você quiser ouvir algo mais light e só pesquisar que você encontra um funk sem tanto apelo vai depender do que for escolhido por você, então por que tanta polemica já que é a própria pessoa que escolhe o que quer ouvir.

O reconhecimento da mistura umbilical entre componentes do que é hoje a música brasileira e a sua herança musical provinda da diáspora africana é um dos principais aspectos que podem ser trabalhados e pensados no âmbito das relações sociais, com ênfase para as instituições escolares. Porém, devido a intensos e históricos processos de invisibilização, a valorização da cultura negra brasileira vem ganhando novos capítulos somente a partir das últimas décadas (MOUTINHO, 2015 p 30)

O funk vem ocupando espaços que antes não eram permitidos, entretanto há rejeição da mídia e de parte da sociedade Hoje grandes lutas foram vencidas com o reconhecimento da cultura, mas o problema não é o funk e sim a sociedade positivista que nega a negatividade que é encontrada nas letras de funk e em como esse estilo musical mostra a realidade que muitos jovens que vivenciam e abominam, vários estilos musicais têm letras de cunho ofensivo mas como é cantada fora das periferias é bem aceita pela sociedade.

Considerações finais

No decorrer deste estudo ficou evidente que quando Byung-Chul Han escreveu sociedade da transparência, a sociedade brasileira atual se encaixaria perfeitamente nessa análise, um jornal sem uma pesquisa histórica ou pesquisa em campo para uma reportagem tendenciosa, colocando seu posicionamento apenas para a venda e a propagação de estereótipos tanto sobre o funk como a favela.

Consideramos que um dos grandes facilitadores de todo o processo de produção desse trabalho foi a Dissertação de Mestrado de Renan Ribeiro Moutinho que nos auxiliou a entender o problema étnico-racial brasileiro, e a invisibilidade da cultura negra.

O desenvolvimento do tema escolhido- O FUNK NA MÍDIA: a criminalização do funk e a cobertura do jornal Nexo, permitiu aos acadêmicos dirigentes articular os conhecimentos adquiridos ao decorrer do curso e de sua vivência na universidade.

Também foi de extrema importância os textos propostos pelo orientador como o de João Freire filho: Mídia, estereótipo e representação das minorias, que nos ajudou a construir uma ideia fixa e de uma realidade ao qual teve oportunidade de estudo.

Também ficou evidente no trabalho que a mídia nunca está posicionada do lado que achamos durante uma leitura superficial, para isso foi preciso fazer uma análise minuciosa na reportagem do jornal e entender que o mesmo não estava defendendo totalmente o estilo musical e sim provocando o leitor a comprar e propagar a notícia.

A intenção do artigo foi analisar de maneira crítica uma reportagem para que futuramente outros acadêmicos de comunicação estejam alertas sobre como e por que tal jornal buscou esse e não aquele posicionamento político.

Nosso trabalho provocou diversas dúvidas e algumas respostas para o porquê da mídia brasileira criminalizar o funk, que seria não por letras obscenas e sim por um processo de invisibilidade que o negro no Brasil sofre diariamente desde os períodos escravocratas onde os mesmos não possuíam alma, cultura, ou as demais coisas que o fariam ser um “ser sociologicamente capaz”.

É visível que houve uma limitação para montarmos um referencial teórico em destaque no texto, por essa razão o referencial está enraizado nos textos.

o objetivo geral do trabalho, além de analisar, é de desmitificar e subtrair visão estereotipada que a sociedade insiste em manter viva.

Ficou claro com essa análise que algumas mídias não estão preocupadas em informar a realidade, e sim vender a positividade como se tudo fosse motivo de orgulho.

A problematização é muito importante para a discussão do trabalho, pois torna melhor a análise de mídia, seja criticando-a ou dando a importância que a mesma precise para a fomentação de uma reportagem brilhante ou péssima, a análise motivou-nos a sempre ter uma leitura mais detalhada e minuciosa não superficial como fazíamos antes.

A mídia brasileira e o preconceito andam de mãos dadas isso é factual e foi o mais perceptivo durante pesquisas para esse trabalho.

O funk não é somente um estilo musical pobre, também é a realidade, a tristeza e a felicidade de um povo, diversos cantores do ritmo afirmam que utilizando do humor, é mais fácil conseguir um espaço na mídia.

O Funk provoca diversas críticas sociais, apenas relata o reflexo da sociedade, se uma letra fala de fome, é essa a realidade que muitos acompanham, se fala de estupro infelizmente é a realidade que está em nossa sociedade, não adianta criticar o funk se na realidade não é provocada nenhuma melhoria social. “É som de preto de favelado, mas quando toca ninguém fica parado” (Amilcka e Chocolate)

REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Fonseca de “**Discurso sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: Uma proposta de análise do universo sexual feminino**”. 2009. Tese (Doutorado em linguística)

BATISTA, Carlos Bruce. “**Uma História do proibidão**”. Rio de Janeiro 2013.

BATISTA, Rachel de Aguiar. **Funk, cultura e Juventude carioca: Um estudo no morro da Mangueira**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Serviço Social) - UFF, Niterói, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. **Criminologia: O homem delinquente e a sociedade criminógena**. Coimbra: Coimbra editora, 1997. 347-348 p. EcoPós, 2004.

FACINA, Adriana. “**Não me bate doutor**”: funk e criminalização da pobreza. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia, 2009.

FILHO, João Freire. **Mídia, estereótipo e representação das minorias**. Rio de Janeiro,

GUIMARÃES, Antônio Sergio A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

Han, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**, 2017.

Hermano. 1988. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**, Brasil. São Paulo: editora ática. 1960.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

MOUTINHO, Renan Ribeiro. **Foi na festa da escola que tudo começou : Funk Carioca diversidade e (in)visibilidade na licenciatura de música**. Rio de Janeiro, CEFET, 2015.

ROCHA, Camilo. **Popular e perseguido**, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar. Jornal Nexo, 2017

SOBREIRA, Sílvia. **Disciplinarização da Música e produção de sentidos sobre educação musical: investigando o papel da Abem no contexto da Lei nº 11.769/2008.** Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Faculdade de Educação. 2012.

VENTURA, R. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914).**

VENTURA, Ricardo. O Instituto Villa-Lobos e a música popular. Rio de Janeiro, outubro de 2005. Disponível em: <http://brazilianmusic.com/articles/ventura-ivl.html>. Acesso em 28/05/18

VIANNA. "Na batida do funk" Jornal do Brasil, Revista Programa, ano 6, n 752. Rio de Janeiro, 28 set 1990, p. 20-21, ed 173